

AS PROMESSAS VAZIAS DE FUTURO E A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO SOCIAL: A DITADURA MILITAR E OS GRANDES ESQUECIMENTOS NO ESPÍRITO SANTO

Rafael Pagatini

Resumo: O presente artigo analisa como se constituiu o imaginário social em relação à memória seletiva sobre a modernização econômica promovida pela ditadura militar no estado do Espírito Santo. Como hipótese para decodificação de parte dessa construção narrativa, é apresentada a estratégia da associação entre o otimismo em relação ao futuro e a imagem do governo militar presente em anúncios veiculados na imprensa capixaba. Dessa forma, o argumento é articulado pela contraposição entre os discursos promovidos no jornal A Gazeta e os problemas decorrentes do projeto desenvolvimentista, como o aumento da desigualdade, da violência, da segregação urbana e da formação da periferia na Região de Grande Vitória.

Palavras-chave: Memória, ditadura militar, arquivo.



THE EMPTY PROMISES OF THE FUTURE AND THE CONSTRUCTION OF A SOCIAL IMAGINARY: THE MILITARY DICTATORSHIP AND BIG OBLIVIONS IN ESPÍRITO SANTO

Abstract: This article analyzes how the social imaginary was constituted in relation to the selective memory about the economic modernization promoted by the military dictatorship in the state of Espírito Santo. As a hypothesis for decoding part of this narrative construction is presented the strategy of associating optimism in relation to the future with the image of the military government present in ads published in the press. In this way, the argument is articulated by the contraposition between the discourses promoted in the newspaper A Gazeta and the problems resulting from the developmentalist project such as the increase of inequality, violence, urban segregation and the formation of the periphery in the region of Grande Vitória.

Keywords: Memory, military dictatorship, archive.

1. VIOLÊNCIA E SEGREGAÇÃO URBANA NA REGIÃO METROPOLITANA DE VITÓRIA

A década de 1960 marcou profunda transformação urbana e econômica no estado do Espírito Santo. Sua economia agrária com raízes ainda no século XVIII, dependente principalmente do setor cafeeiro, passou por mudanças profundas através da política de incentivo à industrialização. Essa modificação da estrutura econômica promoveu crescimento populacional e urbanização da Região de Grande Vitória. Em decorrência destes investimentos, ocorreu um grande fluxo do campo para a cidade, resultando no aumento exponencialmente da população. Os migrantes vieram de zonas rurais localizadas no interior do estado, mas também de regiões do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e da Bahia. Segundo a professora e pesquisadora Rossana Mattos, a transformação



estrutural da economia do Espírito Santo foi fundamentada na mudança em relação à dependência do setor rural para a implantação da política dos chamados "Grandes Projetos": "A instalação dos Grandes Projetos Industriais, a partir da década de 60, o que faz com que a economia capixaba passe a integrar à lógica de expansão planejada da economia brasileira, que se consolida no Espírito Santo a partir de 1970" (Mattos, 2013, p. 106).

As obras para a construção dos complexos siderúrgico, naval, portuário, paraquímico e turístico geraram vultuosos investimentos e ocuparam locais estratégicos no espaço urbano da cidade, caracterizados pela busca das melhores condições geográficas e logísticas para facilitar o escoamento da produção. O poderio econômico para realizar os empreendimentos teve como base o financiamento e os incentivos fiscais oferecidos pelo estado como estratégia de atração dos investimentos, além de parceria entre multinacionais e empresas públicas.

Os incentivos fiscais, em especial o Fundo de Recuperação Econômica do Estado do Espírito Santo (FUNRES), desempenharam um papel importante na formação e consolidação dos arranjos produtivos do Estado e o Fundo de Desenvolvimento das Atividades Portuárias (FUNDAP) nos investimentos estratégicos em infraestrutura de operação – os EADI – Entrepósito Aduaneiro de Interior. Assim, é a partir de 1970 que a Grande Vitória inicia mudanças estruturais dando impulso à etapa do processo econômico industrial-exportador do Estado (Mattos, 2013, p. 107).

A instalação do parque industrial transformou o cenário e a economia do estado de forma a inseri-la no cenário nacional e a constituir um novo perfil voltado para o industrial-exportador. Neste período, a cidade de Vitória se expandiu a partir de aterros e obras de infraestrutura. O investimento público acarretou na



significativa melhora da infraestrutura da cidade, a qual ficou restrita a determinadas áreas, as quais não conseguiram absorver o grande número de migrantes que chegavam, principalmente na Região Metropolitana de Vitória.

Nessa perspectiva, a adoção de políticas de incentivo fiscais e de financiamento a longo prazo, adotada pelo governo Estadual, se por um lado atuou como agente de atração para o capital privado, viabilizando a implantação de indústrias gerando a substituição do modelo primário-exportador pelo modelo industrial, garantindo com isso o processo de industrialização e modernização da Grande Vitória, por outro, não criou nenhuma política capaz de absorver o grande contingente de mão-de-obra de baixa qualificação, advindo do campo, num primeiro momento inserido nas obras de construção dos Grande Projetos Industriais e, com a conclusão dos mesmos, colocado fora do mercado de trabalho formal (Mattos, 2013, p. 110).

Segundo Mattos, o crescimento econômico da Grande Vitória, decorrente da transformação da economia, não promoveu o desenvolvimento humano e social de grande parte da população. Nesse sentido, é importante destacar como as obras voltadas ao parque industrial não refletem a mesma preocupação do estado em relação ao problema do espaço urbano de Vitória e seu entorno. Apesar dos elevados investimentos na construção da rede ferroviária, estrutura portuária, isenções fiscais, as ações do poder público não acarretaram na melhoria da estrutura urbana, principalmente para a população economicamente menos favorecida. Desta forma, Mattos observa como “o processo de desenvolvimento capixaba aliou, em algumas situações, a desigualdade social a uma concentração espacial da pobreza” (Mattos, 2013, p. 111).



Em síntese, pode-se argumentar que o processo de modernização implantado no estado do Espírito Santo serviu para a estruturação da sua economia em uma rede internacional, através da exportação de *commodities*, mas promoveu ainda mais exclusão social e segregação urbana na região. A ocupação de áreas que não dispunham do mínimo de condições de moradia para famílias de baixa renda, principalmente na Região Metropolitana de Grande Vitória, constituiu a formação contemporânea da periferia nessas regiões, bem como os conflitos inerentes à ausência do estado, caracterizados no desemprego, na baixa escolaridade, na violência e na ausência de saneamento básico (Mattos, 2013). Esse processo denota a lógica de segregação entre centro e periferia, tão marcante em outras cidades brasileiras e que se formalizou no contexto capixaba a partir dos "Grandes Projetos".

A falta de políticas públicas de absorção da mão de obra após a construção dos empreendimentos acarretou em muito desemprego. Nesse sentido, a pesquisadora apresenta através de números e gráficos como regiões da cidade de Vitória, principalmente com melhores estruturas urbanas, ao longo das décadas desenvolveram seus Índices de Desenvolvimento Humano – IDH, tornando-se inclusive referência nacional. O que contrasta com outras regiões espacialmente distantes que possuem números elevados de homicídio e outras ocorrências violentas. A memória espacial dessa separação denota a constituição do projeto implementado durante a ditadura militar. Para a autora:

Podemos constatar que a violência está incorporada no tecido social da RMGV, em que as maiores vítimas são as populações marginalizadas econômica e socialmente, comumente suspeitas e alvos da intolerância, tanto por parte de grande parcela da população quanto dos aparelhos do Estado, principalmente



os jovens dos bairros periféricos, produtos de uma sociedade excludente, em decorrência das mudanças na região, entre as décadas de 1970 e 1980, que culminaram em transformações na estrutura de empregos gerando desagregação transformações dos laços culturais e sociais da população em questão (Mattos, 2013, p. 211).

A análise de Mattos se coaduna com o famoso documentário *O lugar de toda pobreza* (1983), do jornalista Amylton de Almeida, gravado na região de São Pedro, em Vitória, e exibido na TV Gazeta. O documentário conta a história de catadores de lixo que viviam em condições de extrema vulnerabilidade. Local ocupado por barracos improvisados envoltos em um cenário no qual o lixo era sempre presente. A região de mangue servia como depósito de lixo da prefeitura municipal da cidade como forma de estabelecimento de aterros sanitários. O local abrigou muitos migrantes que chegavam vindos de outras regiões, com esperança em um futuro melhor, seduzidos pelo discurso de progresso e desenvolvimento econômico.

O "lixão" de São Pedro, como era chamado o local de despejo do lixo da cidade de Vitória foi, gradativamente, tornando-se uma fonte de sobrevivência de centenas de pessoas: inicialmente, com coleta e venda de papéis, plásticos, vidros, etc., e com o reaproveitamento de restos alimentares, e, posteriormente, como espaço usado para moradores mediante a construção de barracos sobre o lixo já assentado [...]. A grande maioria de seus moradores foi constituída por migrantes que, em busca da grande oportunidade de empregos, aliada à facilidade da sociedade moderna, começaram a chegar a Vitória a partir de 1975, para então *ocupar os espaços prometidos pelos Grandes Projetos Industriais* (grifo meu), que se estavam implantando no Espírito Santo, mais precisamente em Vitória (Siqueira, 2001, p. 101, *apud* Mattos, 2013, p. 141).



O documentário inicia com a coleta de lixo hospitalar por caminhões e seu deslocamento até a região. A trilha sonora forte e estridente é composta por música clássica que objetiva criar uma contraposição à imagem de miséria que envolve os cenários filmados. As casas de madeira sobre o lixo são vistas de vários ângulos e indicam o caminho da câmera, que inicia distante mas se aproxima e percorre o mesmo trajeto dos caminhões de lixo. Ao chegar perto de uma casa simples de madeira, uma senhora identificada como Leda dos Santos fala sobre o local. Leda era líder comunitária dos catadores da região. Sua fala é o resumo da construção argumentativa do documentário. Nela, está presente a ocupação da região por pessoas provenientes de outros estados e o drama da venda dos lotes para pessoas sem dinheiro e desempregadas, a ocorrência de focos de doenças e a necessidade das mulheres trabalharem no lixo; em muitos momentos, a única fonte de alimento é o próprio lixo. O forte depoimento inicial de Leda tem seu ápice com a expressão que dá nome a obra de Amylton de Almeida: *Esse é o lugar de toda pobreza*. As cenas são intercaladas pelas sucessivas imagens de pessoas revirando o lixo, com a presença de animais disputando alimento com os catadores, além de crianças e tratores que empurram o material descartado de um lado ao outro.





Figura 1: Frame do documentário *O lugar de toda pobreza*, 1983. Direção: Amylton de Almeida. Duração: 57'10".

Os depoimentos colhidos pelo diretor apresentam a dificuldade de viver sem água e luz, além da fome. A festa, os gritos decorrente da chegada dos caminhões, caçambas e as disputas ocasionadas pela disputa pelo alimento ou material para a reciclagem. As sucessivas falas de moradores denotam a importância de Dona Leda como responsável por tentar organizar a coletividade do grupo. O lixo hospitalar filmado na primeira cena do documentário é descartado na região. Caixas de remédio, seringas, agulhas, sangue, tubos, placenta, inclusive relatos da presença de pedaços de corpos humanos. Dona Leda clama pela retirada desse lixo hospitalar pelos perigos que ele representa aos catadores.

Embora se possa criticar a exploração da imagem da pobreza realizada por Almeida ou mesmo a insistência na música clássica



como elemento de contraste com as imagens, o documentário apresenta o avesso do que os discursos de otimismo em relação ao progresso, ao futuro e ao desenvolvimento econômico prometidos pelo estado e capital privado divulgaram na imprensa no período. Dessa maneira, o documentário se estabeleceu como uma visualidade fundamental das transformações e consequências dos eventos do período na economia e na geografia capixaba. Nesse sentido, ele se constitui como um relato histórico das contradições que atravessaram a região.

2. GRANDES ESQUECIMENTOS

Nem o filme de Amylton de Almeida nem as sucessivas investigações de pesquisadores como Rosana Mattos parecem reverberar no imaginário social de parcela significativa da sociedade capixaba. Em “Grandes projetos, grandes esquecimentos: o Espírito Santo entre a modernização conservadora e a repressão política”, os pesquisadores Pedro Ernesto Fagundes e Vitor Amorim de Angelo analisam como a memória da ditadura é elaborada na contemporaneidade no estado. Nessa análise, identificam a contradição na forma parcial de recordar o período, reforçada principalmente pela elite econômica local. Para isso, partem da contraposição entre os ganhos econômicos que um grupo restrito da sociedade favorecida pelas políticas implantadas teve e a política de vigilância e controle social evidenciada em arquivos do SNI – Serviço Nacional de Informação. A memória seletiva nas palavras dos pesquisadores denota como a narrativa traz contrastes que refletem interesses e olhares à luz do tempo presente. Ponto importante de salientar, tendo em vista que, quando essa memória sofre um processo de presentificação, é realizada uma construção



simbólica. As imagens geradas incitam relações de afeto ou aversão que são apropriadas pelo imaginário da sociedade.

Nesse sentido, Fagundes e Angelo afirmam como a partir do otimismo se construiu uma imagem sobre o passado de pujança econômica e modernização na qual parte da população pudesse se identificar. A ideia do "Brasil Grande", explorada pela propaganda oficial da ditadura militar, se reflete na construção dos Grandes Projetos industriais no Espírito em empreendimentos como o Porto de Tubarão da Companhia Vale do Rio Doce, a Companhia Siderúrgica de Tubarão, ou mesmo a Samarco Mineração, entre outras, que até o presente são importantes para a economia da região. Os autores indicam como a elite capixaba, representada principalmente por entidades empresariais, buscaram construir o que chamam de uma *memória do triunfo* ao identificarem o período como "*anos dourados*" (Fagundes; Angelo, 2014, p.149).

No presente, a memória construída pelos grupos que apoiaram a ditadura foi herdada por segmentos e entidades empresariais num processo de construção de uma espécie de *memória do triunfo*. Nessa versão, que procura hegemonizar o debate sobre o significado do passado capixaba, a memória da década de 1970 é apresentada sempre em tom de celebração (Fagundes; Angelo, 2014, p.152).

A importância do parque industrial, seu poder e força imagética, principalmente com o artifício da publicidade e *marketing*, fazem com que o imaginário sobre o "período dourado" ainda esteja latente. Mesmo após os graves crimes ambientais provocados pela empresa Vale do Rio Doce e a Samarco Mineração. O principal se refere ao rompimento de uma das barragens das companhias que contaminou com metais pesados o Rio Doce, principal afluente do estado. Esse processo de destruição do meio



ambiente, que teve seu ápice no crime ambiental de Mariana em 5 de novembro de 2015, iniciou-se no projeto de implantação dos empreendimentos representados pela falta de laudos ambientais e omissões que favoreceram a implantação dos projetos industriais ainda nas décadas da ditadura. Da mesma forma que a falta de políticas públicas indicadas por Mattos e expressas por Almeida entre as décadas 60 e 80 promoveram a constituição da periferia no estado e contribuíram para o aumento da violência. No entanto, mesmo com essas explícitas evidências dos problemas estruturais dessas políticas, parte do empresariado capixaba ainda insiste em promover um imaginário otimista em relação ao período. Nesse sentido, Fagundes e Angelo tentam desconstruir o argumento em relação ao otimismo através do re-enquadramento da imagem mnemônica ao incluírem a violência política através da repressão atuante no estado.

Tendo como base uma grande quantidade de análises documentais, os autores apresentaram os órgãos ligados à repressão no Espírito Santo e como suas ramificações estavam muito além do conhecido DOPS/ES (Departamento de Ordem Política e Social do Espírito Santo). Através de Assessorias de Segurança e Informações (ASI) e Assessorias Especiais de Segurança e Informações (AESI), que atuaram em vários locais, como em empresas, universidade, órgãos do governo do estado e federal, constituíram um aparato repressivo que levantava informação e promovia contra-informação (Fagundes; Angelo, 2014). O objetivo desses órgãos de estado era a identificação dos chamados "subversivos" e, pela sua estrutura, acabaram por construir uma rede de controle social. O que incluiu a observação do cidadão comum que não era vinculado a partido ou ideologia



política mas que sofria as consequências dessa perseguição e não poderia buscar ou mesmo reivindicar seus direitos sem ser vigiado.

Outro elemento importante, que ainda necessita ser pesquisado, são os inúmeros pedidos de atestado ideológico enviados por empresas privadas para o DOPS/ES. Nesse sentido, podemos afirmar que durante a ditadura, mais do que controlar os subversivos, tais órgãos de repressão atuaram no sentido de silenciar e impedir as mobilizações, principalmente no meio sindical (Fagundes; Angelo, p. 162).

A imagem de *anos de ouro* está impregnada na própria forma de nomear. Quando se enuncia o período como a época dos "Grandes Projetos", já se denota a importância simbólica que a memória delega ao contexto histórico. Nesse sentido, talvez fosse mais adequado buscar novas formas de nomear e promover, dentro da nomeação, a perspectiva crítica sobre essa construção narrativa. Assim, acredito que "Grandes Esquecimentos" é um termo mais adequado, tal qual o título do artigo de Fagundes e Angelo sugere. "Grandes projetos" emula, no plano regional, o mito do milagre econômico do plano nacional, tão utilizado no imaginário em relação ao otimismo. A afirmação dos autores aponta seu compromisso de trazerem para o primeiro plano a repressão política: "A necessidade de criticar a memória positiva acerca dos anos de chumbo, vistos dessa perspectiva como anos de ouro, pois a vontade de silenciar sobre a repressão política é um dos meios de consolidar o esquecimento" (Fagundes; Angelo, 2014, p. 169). Além de buscar construir uma memória com mais nuances ao sustentar que "tratar da história recente do Espírito Santo apenas do ponto de vista dos desdobramentos positivos dos Grandes Projetos Industriais é reproduzir uma versão parcial e incompleta sobre o que ocorreu entre 1964-1985" (Fagundes; Angelo, 2014, p. 169).



O historiador Carlos Fico, ao discorrer sobre a contradição entre repressão e modernização, que é parte do debate historiográfico brasileiro sobre o período, problematiza a concepção de modernização conservadora. Fico indica que o crescimento econômico deveria ser visto em uma escala mais longa, estendendo-o a períodos anteriores e posteriores de forma a verificar as reais dimensões das políticas dos militares para a economia. Além de afirmar que esse crescimento foi localizado e curto.

Ou seja, a modernização – aqui entendida como crescimento do PIB e suas consequências – não decorreu do regime autoritário; vinha sendo construída havia décadas. Note-se que não estou propondo mobilizar condicionais contra fáticos do tipo “teria havido crescimento mesmo que não houvesse ditadura”. O que estou afirmando é que o crescimento que houve durante o período não foi apenas uma decorrência das ações dos governos militares, devendo também ser lido em duração mais longa (Fico, 2017, p.30).

Desta forma, Fico taxativamente declara, ao fazer referência a dicotomia repressão e modernização, e em tom irônico, o problema da colocação da questão, “como se pudesse haver algo bom em um regime de supressão das liberdades” (Fico, 2017, p. 25). Nesse sentido, a argumentação de Fagundes e Angelo que frisa a importância da repressão política como forma de questionamento da “versão parcial ou incompleta sobre o que ocorreu entre 1964 e 1985” (Fagundes; Angelo, 2014, p. 169) sofre com o problema de compreender a constituição da chamada *modernização conservadora* como consenso e não como algo também em disputa. O risco é justamente que a imagem criada sobre o período a partir dessa ambivalência relativize a violência, a desigualdade, a pobreza e a segregação urbana. Desta forma, importante frisar que



nessa colagem argumentativa de elementos "positivos" e negativos na narrativa produzida por Fagundes e Angelo, a associação das expressões *anos de chumbo*, para se referir à repressão e à violência da ditadura, e *anos de ouro*, aos supostos ganhos econômicos, quando colocadas lado a lado, tende a favorecer muito mais a imagem reluzente do que a densa e tóxica do chumbo. Além das perigosas promessas que podem representar em períodos de estagnação econômica.

3. A GAZETA

A visualidade do discurso otimista em relação aos projetos de modernização e ao próprio governo militar foi expresso no contexto capixaba nas páginas do jornal *A Gazeta*. Pedro Ernesto Fagundes, no artigo "A marcha de Vitória: a marcha da Família com Deus pela Liberdade na capital do Espírito Santo" (1964), analisa o apoio de setores civis ao golpe militar em 64 no contexto capixaba. Fagundes argumenta que ocorreram perseguições, prisões e torturas logo após o desenrolar do movimento golpista. O historiador apresenta três momentos que identifica como chaves no processo de celebração de parcela da sociedade sobre a deposição de Jango em favor da instauração do governo militar. Esses momentos seriam: a comemoração da posse de Castelo Branco, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade e a publicação por empresários de um Caderno Especial no Jornal *A Gazeta* que trazia discursos de euforia e otimismo em relação aos acontecimentos. Nesse contexto, chama atenção a figura do jornal como elemento que aglutinou representações e promoveu visibilidade de interesses de uma parcela da sociedade capixaba de captura do estado.



A importância do jornal *A Gazeta* está no seu papel como veículo dos discursos e representações sobre o otimismo de parte da sociedade com o novo governo e o fortalecimento de seu imaginário social. Fagundes ainda indica como o caderno especial publicado pelo jornal continha cartas e anúncios de vários órgãos do estado, entidades empresariais, empresas privadas, com mensagens de apoio a Castelo Branco. Ademais, as páginas de *A Gazeta* também estamparam os preparativos e as adesões à Marcha da Família com Deus e pela Liberdade no dia 25 de Abril de 1964. Apresentando com imagens as motivações e interesses no movimento e inclusive com informações na publicação do jornal como o dia e local de concentração do evento, além de roupas e utensílios que o público deveria utilizar ao longo da marcha. Além disso, segundo Fagundes, após a realização da marcha, a edição do dia seguinte do jornal trouxe a descrição do evento com matérias que apresentavam os oradores, apoiadores e a descrição completa do evento. Dessa forma, e seguindo o argumento de Fagundes, chama atenção como a participação de grupos empresariais ocorreu ativamente tanto na marcha quanto na publicação do caderno especial como estratégia de mobilizar a sociedade para adesão aos discursos em favor do golpe de estado e ao novo governo.

Sendo assim, conhecer as formas de apoio de setores civis ao movimento inaugural da ditadura militar é vital para compreender todas as dimensões sociais, políticas e econômicas dos eventos desencadeados a partir de 1 de abril daquele ano. Nesse sentido, é fundamental assinalar que, como em outros estados do país, no Espírito Santo também houve adesão de parte considerável da elite empresarial e política ao Golpe de 1964 (Fagundes; Angelo, 2014, p. 27).



4. ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (APEES)

Tendo como base a análise de Fagundes sobre o apoio civil ao golpe expressa no jornal *A Gazeta*, pode-se indicar que o veículo de comunicação se estruturou como um espaço de visibilidade dos discursos, financiado por parcela do empresariado em relação ao otimismo em torno do projeto desenvolvimentista do governo. A partir dessa percepção do jornal como veículo dos relatos de progresso e os anúncios como evidências da construção narrativa de apoio ao regime implantado, identificadas por Fagundes, minha investigação aprofundou a análise desses anúncios publicados no jornal, se estendendo para as décadas de 60, 70 e 80. A vista disso, busquei catalogar a construção do imaginário em torno dos "Grande Projetos". A associação entre governo militar e o discurso messiânico em relação aos empreendimentos que propagavam o futuro do estado, expressa nas páginas do jornal, manifesta a construção de uma imagem duradoura no imaginário social capixaba. Os "anos de ouro" produziram anúncios nos quais estavam estampados os rostos e os nomes dos ex-generais presidentes como os responsáveis pelos empreendimentos. Essa associação naturalizada por parte da sociedade foi promovida principalmente por empresários ao publicarem nas páginas de *A Gazeta* a narrativa de esperança em um estado moderno no qual os problemas estruturais da sociedade seriam supostamente superados.

Como Mattos e Almeida evidenciam, esse projeto autoritário promoveu desigualdade, segregação e violência urbana. Contudo, o mapeamento dos anúncios indica como o empresariado local foi ativo na constituição discursiva sobre a projeção de uma imagem de esperança no futuro a partir dos empreendimentos. Para a



identificação do material, utilizei como base de pesquisa os jornais de *A Gazeta* microfilmados no APEES. Com a data da inauguração do Porto de Tubarão, Samarco Mineração, Aracruz Celulose, Companhia Siderúrgica de Tubarão, entre outras, pesquisei o conteúdo do jornal nas respectivas datas. Dessa forma, percebi que elas coincidiam com a presença dos generais-presidentes em terras capixabas. Ou seja, os generais vinham ao estado principalmente para inaugurar os projetos de suas políticas desenvolvimentistas materializados nas empresas e no ecossistema econômico que elas geraram.

Com a identificação do material, as páginas do jornal foram digitalizadas pelo APEES. Esse processo permitiu que a leitura e edição das imagens após longas horas e períodos de análise nos microfilmes ganhassem uma nova dinâmica de forma a possibilitar que o conjunto de dados catalogados se constituíssem em informações visuais fora do espaço do APEES. As páginas digitalizadas apresentavam além de reportagens do jornal sobre a visita do "presidente", notas de empresas e entidades do governo em todas as suas instâncias. Os anúncios foram publicados dias anteriores à inauguração das empresas, continuavam ao longo da estada presidencial no estado e, em alguns casos, persistiam por dias, mesmo após a partida do general. Além disso, foram publicados suplementos especiais mostrando os supostos ganhos sociais promovidos pela política desenvolvimentista, a importância dos empreendimentos para a modernização do estado capixaba, os empregos e a estimativa de arrecadação que seria gerada pelos investimentos.

Essas imagens foram editadas digitalmente, individualizando os anúncios de forma a mapear as promessas e os discursos



messiânicos de progresso e projeção de futuro, tão presentes no imaginário local. Interessante perceber que os anúncios não eram publicados por um órgão de propaganda do governo federal, mas tinham na sua constituição a relação orgânica do empresariado com a narrativa em torno da projeção do futuro do país. As publicações consistem em textos carregados, ostentando fotografias dos generais-presidentes, e com uma repetição convulsiva da expressão: "Bem-vindo, presidente!". Diferente da propaganda oficial do governo, as publicações n'A Gazeta apresentam o alinhamento de parte significativa do empresariado às políticas da ditadura. Nesse sentido, as visitas dos generais eram apresentadas como o anúncio dos enviados do progresso e desenvolvimento econômico.

Apesar do discurso messiânico, a visita se estruturou como um evento político de construção da associação entre a imagem dos generais-presidentes com a dos empreendimentos industriais. Nesse sentido, essa relação se estabeleceu a partir do gesto de inauguração presente na imagem do corte da fita ou da placa comemorativa. O contraste está no discurso de que os generais-presidentes, como a ditadura em geral, buscavam se afastar da imagem do político, entendido como demagogo e corrupto, ao mesmo tempo em que buscavam criar um verniz institucional do estado autoritário. Contudo, e apesar disso, promoviam eventos, gestos e imagens explicitamente políticas. A figura do militar como político já estava enraizada na construção de visibilidade promovida pelo regime.

Os anúncios evidenciam o papel orgânico das empresas com o governo militar. Representam, nas palavras das empresas, o "surto de desenvolvimento", "o clima de euforia", o "novo Espírito



Santo”, “o progresso”. A partir do material digitalizado no APEES, foram catalogadas mais de 200 publicações. Divididas em empresas, entidades empresariais, órgãos do governo federal, estadual e municipal, as notas criam uma verdadeira constelação sobre a construção da associação mobilizadora entre autoritarismo de estado e progresso econômico. Nesse sentido, entendo que a pesquisa ao identificar essa associação entre ditadura/desenvolvimento nas imagens, apresenta evidências de como parte desse imaginário foi construído.

Portanto, a recorrente expressão "Bem-vindo, presidente!" manifesta o elo entre o gesto político de inaugurar o empreendimento econômico, a visita e a recepção no estado. A expressão canaliza esses três elementos, ao mesmo tempo em que manifesta a proximidade entre os agentes que são apresentados no espaço público do jornal para, principalmente através de publicações financiadas por empresários, fortalecer o imaginário social em torno da euforia em relação ao futuro do estado do Espírito Santo e do país. Desta forma, pode-se perceber a narrativa sobre o otimismo em relação ao futuro estampada nas páginas de *A Gazeta*. Ademais, os anúncios apontam como a construção da narrativa teve elementos locais importantes que se associam ao contexto nacional, principalmente na mitologia em torno do milagre econômico, mas com o importante aspecto regional através do enraizamento da perigosa associação entre autoritarismo e desenvolvimento econômico. Decodificar e desconstruir essas imagens é fundamental para promover uma memória social permeada pelo senso de justiça social, urbana, econômica e simbólica. Na qual se possa efetivamente reparar esse imaginário.



O futuro do Espírito Santo começa hoje



Recompensa do trabalho

Empregando um milhão de pessoas em uma década, o governo para a falta de desenvolvimento econômico e produtivo apesar que acreditamos em uma vitória e a esperança a sempre se tornará a base de um novo trabalho, a grande vitória. O novo sul deve produzir, o novo sul deve produzir, o novo sul deve produzir, o novo sul deve produzir, o novo sul deve produzir.

A falta de produção é uma coisa, a falta de produção é uma coisa, a falta de produção é uma coisa, a falta de produção é uma coisa, a falta de produção é uma coisa.

Trabalhando, a Grande do Estado tem um trabalho com dedicação e esforço, trabalhando e fazendo um novo trabalho de trabalho de trabalho e fazendo um novo trabalho de trabalho.

Não devemos esquecer de trabalhar, não devemos esquecer de trabalhar, não devemos esquecer de trabalhar, não devemos esquecer de trabalhar, não devemos esquecer de trabalhar.

Esperamos a de todos, com as condições de comércio das coisas e de trabalho pessoal e das coisas.

Trabalhando, um dos aspectos básicos de Porto Alegre e Espírito Santo, os pontos-chave são o desenvolvimento econômico, social e cultural, o desenvolvimento econômico, social e cultural, o desenvolvimento econômico, social e cultural, o desenvolvimento econômico, social e cultural, o desenvolvimento econômico, social e cultural.

Trabalhando, um milhão de pessoas, o Governo do Estado para fazer um trabalho e trabalhar, trabalhando e fazendo um novo trabalho de trabalho, trabalhando e fazendo um novo trabalho de trabalho, trabalhando e fazendo um novo trabalho de trabalho.



Figura 2: Suplemento especial de A Gazeta, de 10 de junho de 1976. O lugar do Espírito Santo começa hoje, p. 1.



A segunda visita, em janeiro

Acompanhado do ministro da Indústria e do Comércio, Sérgio Fagundes Gomes, e das Missões Especializadas Vale, do chefe do Gabinete Militar, e do assessor de imprensa do Presidente, o presidente Ernesto Geisel chegou, pela segunda vez em sua Comissão, a Rio de Janeiro nesta tarde, no dia 14 de janeiro deste ano. Lá 10 horas, quando desembarcou no aeroporto Ezequiel Teixeira.

Vou a convite da Companhia Vale do Rio Doce para proceder à inspeção da Companhia Indústrias de Fertilizantes (Indusfertil), constituída no Tatuapé como consórcio de capitais da Companhia Vale do Rio Doce e do Financière International, da Itália, destinada à produção de milhões de toneladas de póteias de ferro por ano.

Compareceram ao aeroporto, além do presidente da Companhia, Fernando Roque Ruiz, o presidente do Financière, Mário Buffa, e o do Financière Capital da Vale no empreendimento Escondido, Marco Visca, e o governador de Minas Gerais, presidente da Associação de Capitais Brasileiros em Investimentos de outros países.

— Esta visita — afirmou — significa para uma importante empresa, nossa presença de demonstrar interesse nacional e sua produção importante, a cada ano, mais do que para o País. Além disso, o produto final, e ser importante exportação, os constituintes propiciam de elementos essenciais, tais como a indústria de ferro de alta qualidade, energia elétrica e mais de tudo.

De tudo se produziram grandes quantidades de póteias de ferro no mundo, participando com cerca de 20 por cento da produção total.



Vale, no lado de Geisel e de Roberto Ruiz, ministro, em janeiro, a importância de produção

colocou dessa maneira prima. Em termos de três anos, o País participa os com menos de 15 por cento, concluiu.

Na oportunidade, o presidente da Companhia Vale do Rio Doce também a participação de capitais estrangeiros no empreendimento, afirmando que cerca de 60 por cento das ações foram controladas para a indústria nacional. As póteias de ferro — disse — vão ser utilizadas e, além disso, em outras áreas do País, além disso, o produto final, e ser importante exportação, os constituintes propiciam de elementos essenciais, tais como a indústria de ferro de alta qualidade, energia elétrica e mais de tudo.

De tudo se produziram grandes quantidades de póteias de ferro no mundo, participando com cerca de 20 por cento da produção total.

Lembro também que são pioneiros na produção de póteias em tamanho e em bilhões, que engrossaram as primeiras unidades de redução direta. Póteias e ferro-espátula são duas formas, similares e progressivas que intervêm à siderurgia brasileira e são somente pelo que significam de incremento de produção que foram controladas para a indústria nacional. As póteias de ferro — disse — vão ser utilizadas e, além disso, em outras áreas do País, além disso, o produto final, e ser importante exportação, os constituintes propiciam de elementos essenciais, tais como a indústria de ferro de alta qualidade, energia elétrica e mais de tudo.

Criticou a afirmação, que se faz uma alternativa que surge como problema de produção de póteias de ferro, e que são controladas para a indústria nacional. As póteias de ferro — disse — vão ser utilizadas e, além disso, em outras áreas do País, além disso, o produto final, e ser importante exportação, os constituintes propiciam de elementos essenciais, tais como a indústria de ferro de alta qualidade, energia elétrica e mais de tudo.



GEISEL

“Em Deus que toda parte, a empresa honestamente, com fé, não defraudar a honra confiamos em sua desfecho, mas frateres governo nacional e justa expressão, estes países se bem estar somente de para Brasil e se maior grandeza da pátria”.

“São temas equívocos comparáveis de outras passadas. Nenhum desses dois temas se acaça — o País e para que não sucessos — na medida de governar dentro de espírito que nutria a filosofia, sobre tudo entre os compromissos de do Alano Rorato da Fonseca”.

SEJA BEM-VINDO, PRESIDENTE GEISEL



Hoje, mais uma vez, o presidente Ernesto Geisel está visitando o Espírito Santo, o fim de presidir inspeções e observar de perto os projetos relativos sem o nosso Estado.

Esta visita é profundamente importante para o Estado de Minas Gerais. É uma visita que o grande capitão — conhecido no Presidente Geisel — sabe aproveitar ao máximo em favor do

nosso Estado e, mais uma vez, tal recebido de bravo aforismo, na convicção de que mais período governamental são temas recebidos de Governo Federal não apenas, mas também, toda solidariedade.

Que os também registrar que a Companhia Siderúrgica do Tatuapé, um dos maiores empreendimentos, mereça o reconhecimento do Espírito Santo, tanto recebida o apoio do Presidente Ernesto Geisel e

agora recentemente, com a nomeação de o governador Arthur Carlos Gerhardt Santos para o presidente do C.S.T., o Espírito Santo também cada vez mais se aproxima de progresso, a sua confiança, e sua esperança, a sua fé no destino de nosso país.

Tenho certeza que estas visitas abertas vão se repetir durante o período do Presidente Geisel e estas visitas

servirá — como a visita de hoje — para que possamos de lidar problemas relacionados com o nosso Estado, principalmente os problemas de saúde que são muito importantes para solucionar aqueles problemas que atingem a Grande Vitória.

A visita do Presidente Geisel, é uma visita que muito nos comove e nos honra e vamos ainda de com todos os nossos amigos, que esta visita, acima de tudo

servirá, não só para participar das atividades importantes mas também para tomar conhecimento de perto de uma problemática que cada vez mais se equilibra com a solução dos grandes problemas.

Assim sendo, na qualidade de Governador do Estado do Espírito Santo, manifesto em nome de todos os cidadãos, a certeza de que o Presidente Ernesto Geisel não

realizar um trabalho concreto, positivo, cada vez mais objetivo, em razão dos problemas que são os problemas da comunidade espiro-santense.

Portanto, boas vindas ao Presidente Ernesto Geisel, na convicção de que o Governo Estadual e o Governo Federal vão realizar, cada vez mais, uma obra em favor do nosso povo.

Figura 3: Suplemento especial de A Gazeta, de 29 de setembro de 1977. Complexo Samarco, p. 14.



milhões de toneladas/ano de pelotas

estruturas, destinadas à torção de toneladas. O pólen tem até 10 metros de comprimento e capacidade para armazenar de 500 mil toneladas concentradas em filas de até 10 metros de largura.

O pólen de armazenamento foi equipado com uma empilhadeira com capacidade para 800 toneladas e uma empilhadeira recuperadora para empilhar os pellets. Diversos os carregamentos de produtos, são concentrados no pólen, em trabalho de recuperação das pilhas podem ser adicionado e produto sólido proveniente dos filões de dióxido de titânio em dióxido de titânio (TiO₂) e dióxido de vanádio (V₂O₅), além de, além, uma operação adicional de envasamento.

A retirada dos produtos das pilhas é feita sempre pela empilhadeira recuperadora, que, em casos excepcionais, recupera concentrado para alimentar a linha de produção, desde que em pequena quantidade. Para envasamento dos transportadores que levam o produto líquido em concentração, são a linha de envasamento, foram utilizados um total de 130 mil toneladas.

EMBARQUE

Para o embarque, os produtos são transportados para o cais de embarque, com capacidade para 10 mil toneladas/ano. O embarque foi montado junto ao pílo. Todo o equipamento com 40% de sua capacidade importada da

indústria, e pode operar nos dois lados do pílo. Uma unidade de armazenamento também qualitativamente a material envasado. A unidade transportadora de embarque possui 1 mil metros de comprimento e 77 polegadas de largura.

INSTALAÇÕES

No área de ilha processamento da usina de Samarco em Ubu, local onde se produzem dióxido de titânio e vanádio em 7 mil metros quadrados de área, em dois níveis. O prédio de administração está localizado logo na entrada da usina. No prédio de trabalho, com 100 metros quadrados, estão os laboratórios de controle e os serviços técnicos.

O abastecimento de água para as várias instalações (resfriado, refrigeração e outros) está sendo feito pela lagoa Mariana e por poços localizados na região de Ubu. A água retirada foi tratada e distribuída conforme seu uso. No local há também uma estação de tratamento para água potável. Já para o processo (na da usina) e produção de consumo de 150 mil litros/dia de água.

O fornecimento de energia elétrica está sendo feito, por contrato, pela Engloba Santa Central. O fornecimento com 130 KW, através de linha de transmissão que liga a subestação de Caramuru, subestação principal de Ubu.

A distribuição interna de energia é feita por cabos sub-

terrâneos na área de processo e por linhas aéreas nos locais adjacentes. Foi previsto ainda no projeto da Samarco em Ubu, a instalação de um gerador diesel de emergência para suprir os acionamentos críticos em caso de falta de energia elétrica. O consumo de energia é estimado anualmente a 234 milhões de Kw.

OUTRAS INSTALAÇÕES

As instalações de utilidade incluem um tanque de aço para armazenamento de óleo combustível localizado ao final da área de envasamento e bombas de transferência para o tanque de óleo diesel, a estação de suprimento de selênio e para o cádmio. O óleo chega periodicamente por via marítima, através de cilindros de um quilômetro.

Um dióxido de titânio para uso industrial é feito para instalação localizada a 1 metro para o processo. O primeiro nível representa um 4,5 metros cúbicos à prova de 7 galões por centímetros quadrados.

A proteção contra inundação é feita por sistemas de tubulações enterradas e hidrantes para a área industrial com sistemas equipados com dióxido de titânio, com o sistema de controle de equipamentos elétricos, abastecimento de energia, e sistemas hidráulicos servidos as linhas de produção e queima, abastecimento, esteiras, pontões de mangueira.

Em Ubu, há as seguintes em quantidade, principal: o dióxido de titânio, no terminal de Ubu, município de Açucena, englobando usina de produção e terminal marítimo, da S.A. Samarco Mineração.

Estrutura metálica e telhada em 8 mil toneladas.



Uma vista aérea da usina de produção, podendo-se observar, à esquerda, um tanque de armazenamento

- Área de propriedade da Samarco: 730 hectares.
- Comprimento da estrada de acesso à pedreira: cerca de 10 quilômetros.
- Capacidade dos navios cargueiros: 200 mil toneladas (incluindo 150 mil).
- Dimensões da balsa: 4 metros de largura por 176 metros de comprimento.
- Dimensões do pílo: 315 metros de comprimento.
- Produção anual (aproximada) de 5 milhões de toneladas de pellets e 2 milhões de toneladas de concentrado (FeO₂).
- Valor do investimento (Usina de Ubu): 220 milhões de dólares.
- Área de abastecimento: 7 mil metros quadrados.
- Estrutura metálica para o pílo: 6 mil toneladas.
- Concreto para fundações: 22.600 metros cúbicos.
- Concreto para o pílo: 6 mil metros cúbicos.
- Quantidade de revestimento interno de 1.000.000 toneladas.
- Volume de material dragado: 2.026.100 metros cúbicos.
- Volume de escavação necessária (interior): 1.000.000 metros cúbicos.



Vista aérea das instalações de armazenamento de pellets, pedreira, envasamento e terminal

Pioneira na industrialização do Pasta Eletrônica Soderberg, a CARBOINDUSTRIAL S.A. através de seus diretores e fundadores se congratula com o Governador Elio Alviarez e felicita o Presidente Geisel por mais esta significativa visita que faz ao Espírito Santo.

Carboindustrial S.A.
Pasta Eletrônica Soderberg



CONCESSIONÁRIO FIAT

Saúde e cumprimento sua Excelência o Presidente da República General Ernesto Geisel, pela significativa visita que faz a nosso Estado, quando do início de atividades do terminal marítimo da SAMARCO na localidade de Ubu.

AUTOMÓVEIS "FIAT" E "ALFA ROMEO" CAMINHÕES "FIAT"

"APLIQUE NO 147 — FALOU FIAT, PENSOU CONVITEC"

Convitec Concessionários de Veículos Especiais S.A.

Figura 3: Suplemento especial de A Gazeta, de 29 de setembro de 1977. Complexo Samarco, p. 5.



Referências

FICO, Carlos. *Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas*. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 05 - 74. jan./abr. 2017.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. *A Marcha da Família com Deus e pela Liberdade na capital do Espírito Santo* (1964). in O estado do Espírito Santo e a ditadura / Pedro Ernesto Fagundes, Ueber José de Oliveira, Vitor Amorim de Angelo (Organizadores)- Vitória: GM Editora, 2014.

FAGUNDES, Pedro Ernesto, ANGELO, Vitor Amorim. *Grandes projetos, grandes esquecimentos: o Espírito Santo entre a modernização conservadora e a repressão política*. in O estado do Espírito Santo e a ditadura / Pedro Ernesto Fagundes, Ueber José de Oliveira, Vitor Amorim de Angelo (Organizadores)- Vitória: GM Editora, 2014.

MATTOS, Rossana Ferreira da Silva. *Expansão urbana, segregação e violência: um estudo sobre a Região Metropolitana da Grande Vitória* / Rossana Ferreira da Silva Mattos. Vitória: EDUFES, 2013.

O LUGAR DE TODA POBREZA; Direção: Amylton de Almeida. Produção: TVGazeta. 1983. Brasil. 57'10".

PAGATINI, Rafael. *Bem-vindo, presidente!": arte como dispositivo crítico de construção da memória*. ANPAP. p.1859-1873. 2016.

Rafael Pagatini é artista, pesquisador e professor na Universidade Federal do Espírito Santo. Doutorando em Artes Visuais pela Unicamp com estágio doutoral pela Hochschule Hannover, Alemanha. Seus interesses de pesquisa incluem a estética da memória, tendo como foco a ditadura militar brasileira, e o estatuto da imagem na contemporaneidade. Realizou exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior.

